

GRAMATICALIZAÇÃO EM MEMES DO BODE GAIATO PARA FINS PEDAGÓGICOS: FUNÇÕES DO ITEM “SEM” NA HIPOTAXE ADVERBIAL

Camila Beatriz Balbino Dos Santos¹
André Luiz Souza-Silva²
José Gabriel Farias de Brito³
Marina Alves do Carmo⁴

RESUMO

O caráter heterogêneo da língua constitui-se por sua face social, haja vista forças externas que potencializam o movimento do sistema interno da língua, possibilitando modificações. A língua pode sofrer mudanças e variações em seus diversos níveis, aqui, iremos nos ater ao sintático, com isso algumas estruturas linguísticas podem exercer funções típicas de outras a depender do contexto de uso. Nesse sentido, o presente artigo objetiva analisar a gramaticalização do item *sem*, com fins pedagógicos, considerando os aspectos sintáticos e semânticos do seu funcionamento, ao introduzir orações subordinadas adverbiais reduzidas de infinitivo. Para isso, utilizamos como *corpus memes* do Bode Gaiato, veiculados na rede Instagram, analisados à luz da perspectiva funcionalista em contraponto à tradição gramatical. Afinal, esse gênero efervescente é típico da cultura digital e fomenta o trabalho com gêneros textuais e coloca em destaque o trato de textos da cultura popular nordestina. Logo, esta análise caracteriza-se como de natureza qualitativa de caráter documental. Identificamos a pertinência deste estudo em se possibilitar a verificação do comportamento do item *sem* que é considerado pela tradição uma preposição, nessa direção observamos que o item em questão também se comporta como conjunção, conforme já investigou Ramos (2015) ao analisar a multifuncionalidade sintática e semântico-discursiva do *sem* em estruturas hipotáticas adverbiais. Além disso, atribuí sentidos diversos à matriz oracional, como: concessão, negação de consequência, condição e modo, além dos que são postos pela gramática tradicional. Assim, pode-se pensar em uma (re)categorização que contribui para o ensino de língua portuguesa mais próximo da realidade linguística, favorecendo uma educação linguística para o contexto de formação na escola. Para tanto, tomamos como base as postulações de Martins (2013), Ramos (2015), Azeredo (2021) entre outros.

Palavras-chave: Funcionalismo, Gramaticalização, Hipotaxe adverbial, Bode Gaiato, Item sem.

INTRODUÇÃO

A linguagem, sob a abordagem funcionalista, é compreendida como instrumento de interação social. Sendo assim, para uma análise funcional, além da estrutura gramatical, busca-se no nível discursivo as motivações para os fatos linguísticos (Furtado da Cunha, 2020). Para tanto, a língua é passível de mudança em seus diversos níveis, inclusive o sintático. Assim, elementos lexicais podem se esvaziar de sentido e desempenharem novas

¹Graduanda em Letras-Português pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, camilabeatriz.balbino@gmail.com;

²Doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba – CAPES/PROLING/UFPB, andreluiz.bans@gmail.com;

³Graduando do Curso de Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, gabrielariasletras@gmail.com;

⁴Graduada em Letras-Português pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, marinaalves8047@gmail.com.

funções cada vez mais gramaticais, o que caracteriza o fenômeno da gramaticalização (Gonçalves *et al*, 2007).

Dessa forma, interessa-nos, neste artigo, analisar esse fenômeno a partir do funcionamento sintático-semântico do item *sem*, ao introduzir orações subordinadas adverbiais reduzidas de infinitivo, em consonância ao estudo de análise da multifuncionalidade sintática e semântico-discursiva do *sem* em estruturas hipotáticas adverbiais, já identificado por Ramos (2015). Para isso, utilizamo-nos do gênero textual/discursivo meme da internet, retirado da página Bode Gaiato que circula na rede social Instagram, por entendermos que a interação verbal se realiza sempre através dos gêneros textuais/discursivos, como aponta Marcuschi (2008). Além disso, os memes escolhidos não são apenas um gênero da atualidade, como também abordam aspectos da cultura nordestina que favorecem o (re)conhecimento dessa cultura, bem como de aspectos geográficos, históricos, sociais e políticos, os quais são produzidos via língua(gem).

Analisamos nosso corpus à luz da perspectiva funcionalista em contraste à tradição gramatical, a fim de constatar a funcionalidade diversa do item *sem*, que ora se comporta como preposição ora como conjunção. Verificamos, nos memes, que os valores semânticos inferidos pelas construções hipotáticas de *sem + infinitivo* ultrapassam os propostos pela Gramática Tradicional (GT), por nelas ser perceptível nuances de negação de consequência, condição, concessão e, até mesmo, modo. Na esteira dessa análise, apresentamos uma proposta de ensino com esse fenômeno para a disciplina de Língua Portuguesa, objetivando um ensino mais próximo da realidade linguística.

Logo, nossa pesquisa caracteriza-se como qualitativa de caráter propositivo. Para tanto, selecionamos na página do Bode Gaito quatro *memes*, a fim de alinharmos uma análise sob a ótica de Ramos (2015) em contraponto ao que preconiza a GT (Cunha & Cintra, 2017; Rocha Lima, 2011). Junto a isso, encaminharemos sugestões para o professor de português lidar com fenômeno a partir do gênero em questão em contexto de ensino de língua, alinhando as necessidades metalinguísticas às epilinguísticas. Frente ao proposto, fica em evidência a importância do professor-pesquisador a fim de promover práxis e reflexões num movimento de ir e vir constante (Bortoni-Ricardo, 2008).

Essas proposições são relevantes para a promoção de análises linguísticas que movam conhecimentos da Linguística Funcional (Furtado da Cunha, 2020) em prol da análise de um gênero textual/discursivo, que por sua relação direta com uma cultura regional, já fora analisado pelo viés da sociolinguística – a exemplo de Melo (2015) e Paiva (2018) – bem como é relevante por colocar em movimento considerações sobre gêneros textuais/discursivos

e análise linguística de caráter funcionalista, corroborando a importância de práticas dialógicas por colocarem em destaque os usuários da língua como atores sociais que mobilizam as categorias linguísticas.

Além disso, este estudo contribui socialmente por colocar no centro da análise um gênero contemporâneo e oriundo de uma cultura popular de caráter regional que é estereotipada pela Mídia, especialmente a televisiva. Assim, temos a oportunidade de recorrer a fenômenos linguísticos em textos marcados por temáticas da vivência nordestina e colaborar com o trato da cultura “não-canônica” no intento de promover novas relações de saber. Ao fazer isso, o trabalho pedagógico também é ressaltado, uma vez que, além de propormos um trabalho escolar, a partir de nossas reflexões, também temos um produto científico-acadêmico que pode ser útil para a leitura de alunos em formação inicial, a exemplo de Metodologias de Ensino.

Este trabalho compreende mais quatro seções: metodologia, em que descrevemos a natureza da nossa pesquisa e o percurso metodológico; referencial teórico, no qual tecemos considerações ancoradas aos estudos de Furtado da Cunha (2020), Azeredo (2021), Neves (2000), entre outros; depois apresentamos a discussão da proposta e as considerações finais.

METODOLOGIA

Estudo qualitativo de caráter bibliográfico (Prodanov & Freitas, 2013). Aqui, não estamos preocupados com tratamentos estatísticos ou probabilísticos, apenas em como determinado fenômeno linguístico pode ser analisável e aplicável em contexto de ensino/aprendizagem. Logo, também tem caráter propositivo, pois, a partir da análise, tecemos orientações para o trabalho com o *meme Bode Gaiato* em sala de aula e fenômeno de gramaticalização. Sendo assim, nosso *corpus* é composto de quatro memes retirados da página Bode Gaiato, que circulam na rede social Instagram. Os memes evidenciam ocorrências do item *sem*, ao introduzir estruturas hipotáticas adverbiais contextualizadas.

A respeito do corpus, durante o período de 15 janeiro de 2023 a 27 do mês de fevereiro de 2023, realizamos uma leitura dos posts da página em questão, a fim de selecionar 4 memes que indicassem o fenômeno de análise em questão, sendo eles: 1) concessão, 2) condição, 3) consequência negada e 4) modo.

Cabe ressaltar que esta orientação pedagógica se faz guiada pelo estudo de Ramos (2015), o qual analisou estruturas hipotáticas adverbiais transpostas pelos itens *sem* e *sem que* em textos argumentativos de circulação em periódicos semanais, com o objetivo de constatar

a função conjunta do transpositor e os diversos matizes inferidos pela combinação oracional. A partir disso, os resultados apontaram a expressividade de valores semânticos de *concessão*, *negação de consequência*, *modo* e *condição*, além de outras nuances menos frequentes como *adição*, *causa*, *tempo* e *modalizador*. Diante disso, embora o trabalho de Ramos não tenha se voltado para a questão pedagógica, a autora reitera a importância de irmos além da classificação oracional por meio do conector ou transpositor, dado que esses itens podem adquirir novos valores. Portanto, consideramos válido pensar as contribuições da pesquisa para o ensino de língua, haja vista que, como aponta Bortoni-Ricardo (2008), relacionar o trabalho de pesquisa ao fazer pedagógico aprimora um professor-pesquisador.

Nossa proposta de análise destina-se à Educação Básica, com ênfase em turmas de 9º ano do Ensino Fundamental, considerando o trabalho com o período composto por subordinação e as habilidades propostas a esse público pelos documentos oficiais. Todavia, não há impedimento em desenvolver essas proposições em diferentes anos – a exemplo da 2ª série do Ensino Médio – pois é possível focalizar aspectos linguísticos distintos.

REFERENCIAL TEÓRICO

O interesse em compreender a língua demonstra-se bastante antigo, ainda que sob uma perspectiva histórica, como aponta Orlandi (2009), e sempre foi de interesse do homem entender a linguagem, pois é algo intrínseco a ele, é por ela que nos comunicamos, logo, entendê-la seria entender a si e o mundo. Em decorrência desse interesse, com o transcorrer dos estudos sobre a origem da língua(gem), surgem as correntes estruturalista e gerativista, que fazem parte dos estudos ditos formalistas, que contribuíram para o desenvolvimento dos estudos da linguagem, propondo o estudo com foco nos aspectos internos da língua. Outras tendências emergiram em resposta a essas, é o caso do funcionalismo, que se caracteriza por considerar “a importância do papel do contexto, em particular o contexto social na compreensão da natureza das línguas” (Dillinger, 1991, p. 400). Dessa forma, a língua é vista como instrumento de interação passível de mudanças motivadas por aspectos exteriores ao sistema linguístico.

É sob o viés funcionalista que desenvolvemos este trabalho, por reconhecermos que os fatos linguísticos não ocorrem ao acaso, são influenciados por fatores como a situação comunicativa. Nesse sentido, a gramática e o discurso estão interligados, é o que postula Furtado da Cunha (2020), ao tratar sobre o funcionalismo norte-americano, ao afirmar, por

exemplo, que “[...] a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso, ao qual se molda” (Furtado da Cunha, 2020, p. 163).

Nesse sentido, adotamos a noção de gramática, aqui, como Martins (2013, p. 40)

[...] uma língua é mais que um sistema em potencial, em disponibilidade. Supõe um uso, supõe a atualização concreta datada e situada. Para ser eficaz comunicativamente, não basta, portanto, saber as regras específicas da gramática, das classes de palavras, suas flexões, suas combinações possíveis, a ordem de sua colocação nas frases, seus casos de concordância, entre outros. Tudo isso é necessário, mas não é suficiente.

Nessa direção, a gramática mostra-se dinâmica, a serviço das demandas comunicativas que emergem e condicionam novos usos, a isso relaciona-se o fenômeno da gramaticalização (Furtado da Cunha, 2020). De acordo com Ramos (2015, p. 41), esse fenômeno

[...] envolve mudanças no estatuto categorial de certas palavras, dado que uma palavra pertencente a uma determinada classe pode vir a assumir uma função que tipicamente seria exercida por um item de uma outra classe. É o que se verifica quando do uso de adjetivos com função adverbial ou advérbios com função conjuncional, fato que denuncia a dificuldade de distinguir classe lexical e função sintática

Desse modo, torna-se evidente a necessidade de considerar esses aspectos ao analisar a língua, não se limitando somente às questões gramaticais, que são importantes, mas não autônomas. Sendo assim, é imprescindível um ensino de língua portuguesa mais reflexivo, que analise a língua a partir de usos reais. Cabe ressaltar que não há impedimentos ao trabalho com a metalinguagem em sala de aula, todavia é preciso que o ensino não esteja vinculado somente a isso. Para o ensino, deve-se pensar em um conceito de gramática que não se atenha somente ao tradicional de caráter normativo (Souza-Silva & Raimundo, 2023). Como advoga Barbosa (2013, p. 31)

Trabalhar com o ensino de Língua Portuguesa é muito mais do que relacionar o que é certo ou errado: é compreender seu funcionamento hoje, e no passado, em um processo dinâmico de capacitação dos alunos para a produção de textos orais e escritos os mais variados.

É válido destacar que, embora ainda seja recorrente em sala de aula o ensino de LP com ênfase na tradição gramatical, os documentos oficiais norteadores da educação trazem abordagens que se aproximam dos estudos funcionalistas. Os *Parâmetros Nacionais Curriculares* (1998) (PCN), por exemplo, foram desenvolvidos numa perspectiva de língua e linguagem que abarcasse a reflexão a partir dos usos linguísticos. Diante disso, é proposto o ensino através de eixos da fala, da escuta, da leitura, da escrita e da análise linguística. Quanto à análise linguística, os PCN põem a análise do texto como foco do ensino de língua, antes

voltado para a palavra ou frase. Desse modo, o documento realinha os conteúdos gramaticais, tratando-os em atividades de análise e reflexão sobre a língua, o que corrobora a perspectiva funcional do documento, como postula Martins (2013).

Anos após a publicação dos PCN, elabora-se a *Base Nacional Comum Curricular - BNCC* (2018), a qual altera o eixo de ensino análise linguística, visto que o documento reforça as proposições dos PCN acerca do ensino de língua, mas passa a envolver também múltiplas semioses. Sendo assim, de acordo com o documento, deve-se trabalhar o ensino de língua, semioses e norma-padrão associado à prática real de linguagem, pautando a reflexão sobre o funcionamento da língua no contexto dessas práticas. A BNCC reforça as proposições da corrente funcionalista, isso se evidencia ao identificarmos algumas habilidades referentes ao eixo de análise linguística/semiótica:

Quadro 1 – Habilidades da BNCC

6º ao 9º ano	<p>(EF69LP17) Perceber e analisar os recursos estilísticos e semióticos dos gêneros jornalísticos e publicitários, os aspectos relativos ao tratamento da informação em notícias, como a ordenação dos eventos, as escolhas lexicais, o efeito de imparcialidade do relato, a morfologia do verbo, em textos noticiosos e argumentativos, reconhecendo marcas de pessoa, número, tempo, modo, a distribuição dos verbos nos gêneros textuais, o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e as estratégias de persuasão e apelo ao consumo com os recursos linguístico-discursivos utilizados (tempo verbal, jogos de palavras, metáforas, imagens).</p> <p>(EF69LP29) Refletir sobre a relação entre os contextos de produção dos gêneros de divulgação científica – texto didático, artigo de divulgação científica, reportagem de divulgação científica, verbete de enciclopédia (impressa e digital), esquema, infográfico (estático e animado), relatório, relato multimidiático de campo, podcasts e vídeos variados de divulgação científica etc. – e os aspectos relativos à construção composicional e às marcas linguísticas características desses gêneros, de forma a ampliar suas possibilidades de compreensão (e produção) de textos pertencentes a esses gêneros.</p>
--------------	--

Fonte: Base Nacional Comum Curricular, 2017, p. 145 e 151.

As habilidades demonstram que o documento propõe o ensino de língua tendo em vista sua relação com a sociedade, as intenções que permeiam os usos linguísticos, de modo que “[...] a gramática, tomada como conjunto de possibilidades que o falante encontra na língua para estruturar o seu enunciado, está em função dos efeitos de sentido das estruturas linguísticas na composição dos textos” (Bispo *et al*, 2022, p. 196).

Outro ponto importante presente no documento é o trabalho com os gêneros textuais. De acordo com Marcuschi (2008), é através dos gêneros textuais que a linguagem se realiza em diferentes contextos sociais. Dessa forma, o gênero não é apenas um conjunto de regras formais, mas uma prática discursiva que se submete às interações entre os usuários da linguagem em situações específicas. Cada gênero tem sua própria finalidade, estrutura, temática e estilo, e é influenciado por diversos aspectos, como a cultura, a intenção

comunicativa, entre outros. Assim, o gênero textual é um acontecimento enunciativo que se adapta constantemente às mudanças sociais e históricas. Com o desenvolvimento das tecnologias, gêneros textuais surgem, atendendo às novas necessidades comunicativas do falante, é o caso do meme da internet, gênero escolhido como *corpus* deste texto.

Assim como condições exteriores à língua condicionam mudanças nos gêneros, as mudanças também recaem sobre os itens linguísticos a partir da gramaticalização, por exemplo, como já mencionado anteriormente. Importa-nos, neste trabalho, analisar esse fenômeno a partir do comportamento do item *sem*, ao introduzir orações adverbiais presentes em memes do corpus, tendo como referência o estudo desenvolvido por Ramos (2015), que constatou haver características tanto de conjunção quanto de preposição em se tratando do item *sem*, devido ao comportamento sintático do item e matizes inferidos de sua combinação com as orações.

Desse modo, autores de gramáticas tradicionais elencam os valores do item e da perífrase conjuntiva *sem que* em concessão e condição, os quais são os sentidos mais abundantes (Cunha & Cintra, 2017; Rocha Lima, 2011). No entanto, ao nos reportarmos para gramáticas de viés mais descritivo, encontramos outros sentidos possíveis. Por exemplo, Neves (2011) cita o valor de modo e condição, Azeredo (2021) inclui a locução conjuntiva *sem que* na esfera do contraste e Bechara (2019) apresenta diversas nuances desse item: negação de consequência, consequência esperada, concessão, negação de causa e modo. Já os valores evidenciados por Ramos, ao analisar textos da esfera jornalística, são: concessão, consequência (ou negação de consequência), modo, condição, adição, causa, modalização e tempo, constatando que as nuances de concessão, negação de consequência, modo e condição são mais recorrentes, portanto, mais gramaticalizadas, mas não únicas. Sendo assim, pretendemos tecer orientações para o ensino de LP consciente da dinamicidade desse item e observar tal uso em um gênero não jornalístico, mas midiático por seu contexto de circulação.

PROPOSTA E DISCUSSÃO

Como propõem os documentos oficiais norteadores da educação, trabalhar a língua deve ser uma ação reflexiva. Sob essa perspectiva, consideramos que é preciso partir de situações comunicativas reais, pois, quando se utiliza somente frases ou orações descontextualizadas com vista em classificá-las, distancia-se da dinamicidade linguística que se pode encontrar nos usos linguísticos materializados através dos gêneros. Nessa direção, é importante também que, antes de analisar os aspectos estruturais da língua, o professor

apresente o gênero aos alunos e promova uma prática de leitura, para que possam ativar conhecimentos linguísticos e extralinguísticos. Nesse caso, pode-se discutir os recursos utilizados no gênero textual/discursivo *meme*, uma vez que o verbal e o não verbal se unem na construção de sentido. Ademais, o *meme* é também tipicamente humorístico. Em se tratando dos *memes* produzidos pela página do Instagram Bode Gaiato, é comum a utilização de situações cotidianas que, por vezes, evocam aspectos culturais nordestinos, como recurso identitário e de geração de humor.

Desse modo, como mencionado anteriormente, buscamos analisar os *memes* escolhidos à luz dos estudos funcionalistas, com ênfase no fenômeno linguístico da gramaticalização. Nesse caso, voltamos-nos à gramaticalização do item *sem* seguido de infinitivo como transpositor de estruturas hipotáticas adverbiais, a fim de analisar as nuances de sentido inferidas pela combinação. Para isso, recorreremos ao trabalho de Ramos (2015) e buscamos exemplos dos valores que se mostraram mais expressivos no processo de recategorização do item pesquisado pela autora, a saber: concessão, condição, consequência negada e modo.

Memes 01 e 02



Fonte: <<https://www.instagram.com/bodegaiato/>>. Acesso em: 18 de set. 2023.

Assim, o primeiro e o segundo *meme* compartilham a temática “falta de dinheiro”, posta em cena pelo personagem Ciço. O sentido de “sem trabalhar”, combinado à matriz oracional, pode ser analisado como contraste concessivo, isso se evidencia ao parafrasearmos o trecho “com o dinheiro que eu tenho eu poderia me manter pelo resto da vida **mesmo que não trabalhasse**”. O valor concessivo da combinação é descrito tanto pelas gramáticas tradicionais quanto pelas descritivas consultadas, é também o matiz de maior recorrência no estudo de Ramos, que afirma se tratar de um dos valores mais gramaticalizados, por isso mais aceito pelos normativos. Ao tratar o fenômeno em sala de aula, o professor pode instigar a tentativa de paráfrase pelos alunos, que buscarão atingir sentidos próximos ao inferido no

exemplo e, possivelmente, chegarão à perífrase *sem que* e formas concessivas que apresentem o advérbio de negação “não”. Nesse momento, é importante observar que em qualquer das substituições o verbo da oração hipotática tomará a forma conjugada, uma estrutura mais complexa, pode-se discutir como isso afetaria a receptividade do *meme*. Além disso, outro ponto a se pensar é sobre a presença do “não” na paráfrase, pois isso demonstra que o *sem* não é somente um item de ligação, sua presença habilita a oração a ser termo de outra, mas também atribui valor de negação à oração transposta.

Já o segundo, infere-se o sentido condicional, reforçado ainda pelo verbo “duvidar” que colabora para que o leitor compreenda que só é possível responder à pergunta com as respostas propostas, assim, quando substituímos o “sem usar” por “se não usar”, o matiz condicional se torna ainda mais aparente. O professor pode comparar com os alunos os usos nos dois memes, a fim de demonstrar que mesmo estruturas semelhantes comportam-se de formas distintas.

Memes 03 e 04



Fonte: <<https://www.instagram.com/bodegaiato/>>. Acesso em: 18 de set. 2023.

O terceiro exemplo exemplifica o valor de consequência, para a GT, ou negação de consequência, haja vista que o personagem Juninho esperava ouvir o final da conversa no ônibus, todavia isso só seria possível se permanecesse lá, logo, a consequência de descer é não ouvir o final. Pode-se tentar parafrasear utilizando a conjunção “e”, como postula Azeredo (2021), esse conector não é uma simples adição de ideias, com ele atribui-se também matizes como o de causa e efeito. Assim: tenho que descer e (por isso) não saber o final (da conversa).

O quarto meme traz uma situação entre o casal Biu e Zefa, em que Zefa afirma que passará o dia "sem falar" com Biu. Nesse caso, percebemos a nuance modal inferida, pois se pode dizer que é "como" Zefa passará o dia, isso se torna aparente quando tentamos parafrasear, pois estruturas concessivas e condicionais favorecem a troca do transpositor *sem/sem que* por “embora não” ou “se não” (Ramos, 2015), mas, quanto à estrutura modal, o

sentido não se preserva. Apesar de não aceita pelos gramáticos mais tradicionais, consideramos a construção modal válida. Aspecto interessante na construção “sem falar”, que pode ser levado às aulas de LP, é que em outros casos a combinação pode ter valor de adição, como propõe Ramos, ao analisar o trecho: “[...] Vocês estão melhor que muitos países da Europa e os Estados Unidos, onde, em média, só metade do público aderiu à campanha. **Sem falar** em dezenas de países da África, Ásia e América Latina onde quase ninguém foi imunizado” (*apud* Ramos, 2015, p. 182). O uso de “sem falar” nos dois casos é distinto, sem nos atermos à classificação, ocorrências como essas nos mostram que aspectos gramaticais e discursivos estão interligados. Consideramos que o aluno, como falante da língua, é capaz de perceber essa distinção de sentido e refletir acerca desses usos, percebendo as diversas possibilidades linguístico-discursivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, consideramos pertinentes as contribuições dos estudos funcionalistas para a linguística, todavia é necessário que essas contribuições sejam trabalhadas também em sala de aula. Assim, um ensino pautado no uso, a partir de gêneros textuais/discursivos, pode contribuir positivamente para o desenvolvimento das habilidades linguísticas dos alunos. Buscamos, com este trabalho, analisar o funcionamento sintático-semântico do item *sem*, ao introduzir orações hipotáticas adverbiais reduzidas de infinitivo no gênero *meme*. É válido ressaltar que não enfatizamos a recorrência quantitativa dos usos nos *memes*, aspecto que ainda pode ser abordado em outros estudos, pois nossa análise objetivou desenvolver uma proposta de orientações para a abordagem reflexiva do fenômeno da gramaticalização em sala de aula. Além disso, a proposta apresentada pode ser adaptada de acordo com as necessidades observadas pelo docente e o contexto em que os alunos estão inseridos.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, J. C.. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 5 ed. São Paulo: Parábola, 2021.
- BARBOSA, A. G. Saberes gramaticais na escola. *In*: VIEIRA, S. R. e BRANDÃO, S. F. (Orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 39 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BISPO, E. B.; *et al.* Funcionalismo linguístico e ensino de português: convergências,

possibilidades e prática docente. **Revista do GELNE**, Natal, v. 24, n. 1, p. 192-207, Agos. 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação: Brasília, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1998.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

DILLINGER, M. Forma e função na linguística. **D.E.L.T.A.**, s/l, Vol. 1, n. 1, p. 395-407, 1991.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2020, p. 157-174.

GONÇALVES, S. C. L. et al (org.) **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola, 2007.

MARTINS, I. F. M. O ensino de gramática na perspectiva funcionalista: propostas de análise. In: LINS, J. N.(org.). **Linguagens: ensino e pesquisa**. Recife: UFPE, 2013, p. 39-50.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual: análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, I. M. **Variante linguística e identidade regional: redes sociais à sala de aula do Ensino Fundamental**. 184 F. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – PROFLETRAS, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do Português**. 2 ed. São Paulo: UNESP, 2011.

PAIVA, N. M. da S. **“Bode Gaiato”**: uma proposta para o ensino da variação linguística no livro didático. 2018. 171f. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2018.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAMOS, M. A. B. **A multifuncionalidade sintática e semântico-discursivo do sem em estruturas hipotáticas adverbiais: preposição ou conjunção?**. 2015. 261 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da Língua Portuguesa: curso médio**. 49 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 2011.

SOUZA-SILVA, A. L. RAIMUNDO, K. A. S. “Monstros à solta” na prática de análise linguística: proposta de ensino à luz do fenômeno de gramaticalização. In: LAU, H. D. SOUZA-SILVA, A. L. MICHALKIEWICZ, Z. A (orgs.). **Linguagens em múltiplas faces: uma agenda de estudos teóricos e aplicados**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024. 449-474.



ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.